U.PORTO
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

tinguido com o grau de Cavaleiro da Estrela do Norte (1974), pelo rei da Suécia, com o grau de Oficial da Ordem de Sant'Iago (1980) e com a Medalha de Ouro de Serviço do Estado Sueco (1981). Recebeu o Prémio Óscar II (1961) e o doutoramento *honoris causa* das Univs. de Helsingfors (1971), do Porto (1977) e de Coimbra (1980 e 1981). Publicou mais de 200 trabalhos. Conselheiro da Europe Space Organization.

Lima Júnior (Walter) — Cineasta, jornalista e crítico de cinema brasileiro (n. Niterói, 26.11.1938). Trabalhou na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Foi assistente de Glauber Rocha em *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963), tendo-se casado com a irmã deste, Anecy Rocha, actriz de vários dos seus filmes. Nos anos 70 dedicou-se principalmente à televisão. Sempre se afirmou como o mais lírico dos realizadores do cinema novo e o mais directamente influenciado pelo pioneiro Humberto Mauro. Estreou-se na longa-metragem com a adaptação de um romance célebre, *Menino de Engenho,* de José Lins do Rego (1965), onde já demonstrava fartamente as características do seu estilo. Seguiram-se: *Brasil Ano 2000* (1969), premiado em Berlim, *Na Boca da Noite* (1971), *Taim* (1977), *A Lira do Delírio* (1978), *Joana Angélica* (1979), *Inocência* (1983), *Chico Rei* (1985), *Ele, o Boto* (1987), *O Monge e a Filha do Carrasco* (1995), *A Ostra e o Vento* (1997). Foi escolhido pessoalmente por Joaquim Pedro de Andrade para dirigir *Casa Grande, Senzala & Cia.*, o mais ambicioso dos projectos do realizador de Macunaíma, que faleceu antes do início das filmagens.

RONALD MONTEIRO

limaçon — MATEM. ↗Curva plana, chamada «limaçon de Pascal» por Roverbal (referindo-se a Étienne Pascal), estudada por outros vários matemáticos (Tannery, Quetelet, Gomes Teixeira, etc.). Considerando uma circunferência, C, de diâmetro a, no plano XOY, passando por O e sendo aí tangente a OY, marquem-se, sobre cada recta que passe por O, dois pontos à distância h da sua segunda intersecção com C. O lugar geométrico destes pontos é a L. Em coordenadas paramétricas, a sua equação é

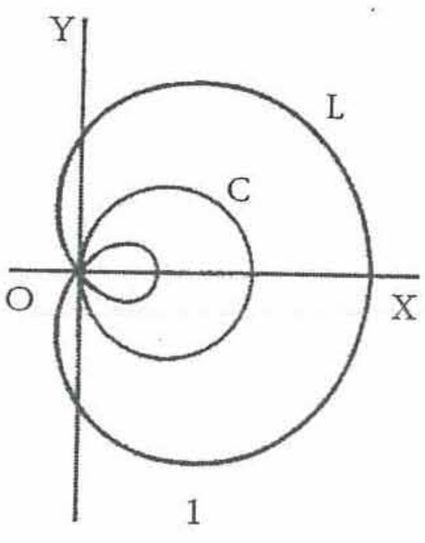
$$\rho = a \cos \theta \pm h$$

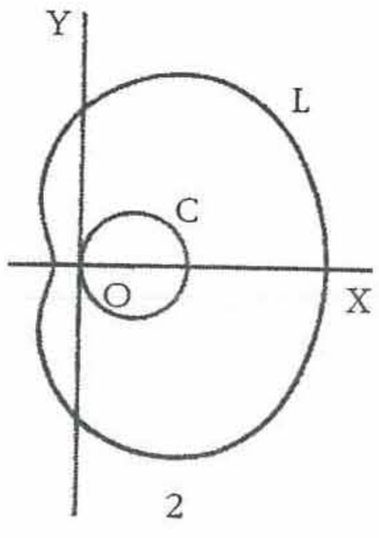
e, em coordenadas cartesianas, é

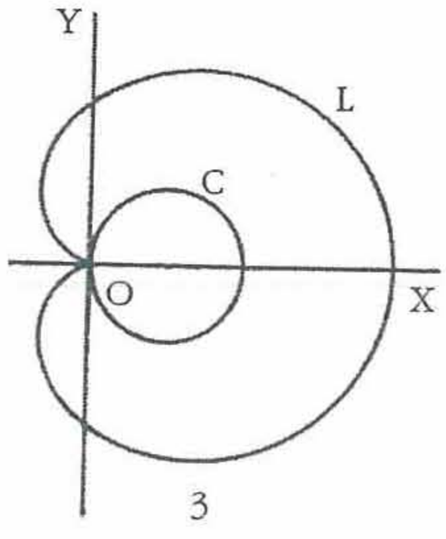
$$\left(x^2 + y^2 - ax\right)^2 = h^2\left(x^2 + y^2\right).$$

Conforme $h < a$, $h > a$, ou $h = a$, assim a curva tem a forma das figuras 1, 2, ou 3.

Curva de Limaçon







Definida pela sua equação em coordenadas cartesianas, a curva tem na origem: um ponto duplo, no primeiro caso; um ponto isolado, no segundo caso; e um ponto de reversão, no terceiro. A curva inversa da L., em relação a O, é uma ↗cónica com o foco neste ponto; e reciprocamente.

JOSÉ BAYOLO PACHECO DE AMORIM

limaipollenites — ↗Pólen.

limão-do-mato — BOT. Nome vulgar atribuído no Brasil a *Seguieria langsdorffii* Moq., pertencente à família das Fitolacáceas, ocorrendo no Brasil desde o Sul da Baía e Minas Gerais até Santa Catarina. Os representantes desta espécie são árvores de 8 a 16 m de altura, frondosas, de ramos listrados longitudinalmente. As folhas são alternas, inteiras, lanceoladas, glabras, coriáceas, atingindo 10 cm de comprimento e 5 cm de largura, com espinhos estipulares. Flores bissexuadas dispostas em panículas axilares; perianto com 5 tépalas esbranquiçadas; estames numerosos; ovário súpero. Fruto samaróide. Produz madeira moderadamente pesada, dura, de pouca durabilidade quando exposta, usada para caixotaria leve; as suas cinzas são ricas em potassa com diversos usos. As folhas são usadas medicinalmente. As folhas, flores e madeira têm um forte cheiro aliáceo. É conhecida também, entre outros, pelos nomes «árvore-de-alho», «limão-bravo», «limão-de-espinho», «agulheiro» e «espinho-de-juvu».

M. CÂNDIDA LIBERATO

BIBL.: H. Lorenzi, *Árvores Brasileiras,* Nova Odessa, 1992.

limãozinho — BOT. Nome vulgar atribuído no Brasil a *Poiretia punctata* (Willd.) Desv., pertencente à família das Leguminosas, subfamília das Papilionoídeas. Os representantes desta espécie são ervas trepadoras, de caules pubescentes e folhas com 4 folíolos obovados, cartáceos, estipulados. Flores bissexuadas, irregulares, de 4 a 8 mm, na axila de brácteas lanceoladas maiores que os pedicelos, dispostas em cachos axilares plurifloros; cálice com c. 3 mm, dentado; corola com o estandarte largamente orbicular e reflexo, asas falciformes e unidas ao longo da margem superior, quilha encurvada. Fruto uma vagem com c. 3 cm de comprimento e 3 mm de largura, linear, articulada. Encontra-se na caatinga e no contacto da caatinga arbórea com a floresta arbórea aberta.

M. CÂNDIDA LIBERATO

BIBL.: P. Correa, *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas,* Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal, vol. IV, 1969; Lewis, *Legumes of Bahia,* Royal Botanic Gardens, Kew, 1987.

limarina — NUTR. Este nome designa um conjunto variado de gorduras preparadas industrialmente para barrar pão, apresentadas como dietéticas, de regime, ou «com baixo teor lipídico». No nosso país, as L. são preparadas a partir da margarina, noutros, tanto da margarina como da manteiga, noutros, não são permitidas. Em geral, fornecem c. metade da gordura do produto de base porque a técnica de fabrico consiste em emulsioná-lo, de forma estável,

U.PORTO
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

com água, por meio de uma batedura homogeneizadora com emulsionantes. Não servem para cozinhar e custam praticamente o mesmo que a margarina ou a manteiga de que são feitas. Há *cremes para barrar* com composição semelhante à L., mas os comuns não são mais do que margarinas vegetais acrescentadas de corantes e sabores de cacau, avelã, etc. (↗Margarina).

EMÍLIO PERES

limbo — BOT. ↗Cálice. ↗Corola. ↗Folha. TEOL. A raridade e a insignificância da abordagem do L. na Teologia pós-conciliar, comprovada pela quase total ausência de tratamento nos actuais manuais de Sacramentologia, Escatologia e de Antropologia, reflectem a importância pretérita do tema.

1. *Etimologia.* A palavra «limbo» vem do latim *limbus* (orla, rebordo) e designava, numa antropologia dualista, o lugar e o estado das almas que não estão nem no céu, nem no inferno, nem no purgatório. Há que distinguir dois tipos de L.: o *limbus patrum,* morada das almas que não mereceram o inferno propriamente dito, mas também não mereceram o céu, pois morreram antes da redenção de Cristo. Estes esperavam a felicidade do céu naquilo que os Stos. Padres e os contemporâneos de Jesus chamavam Seio de Abraão; o *limbus puerorum,* o único que teve importância na tradição cristã, é o lugar ou estado das crianças de menoridade, ou de pessoas que nunca alcançaram o uso da razão e que, pela insuficiente difusão do Evangelho, não receberam o Baptismo, não se incorporando à Igreja. A palavra «limbo» só aparece na teologia depois de Pedro Lombardo (m. 1160).

2. *Sagrada Escritura.* No que concerne à existência do L. das crianças a Sagrada Escritura não contém qualquer tipo de referências. Quanto ao L. dos Padres, alguns crêm ver relação com o Sheol, Hades, ou Infernos, conforme os usos hebraicos, gregos ou latinos, respectivamente.

3. *Tradição.* A tradição cristã mais antiga não faz nenhuma declaração explícita sobre a sorte dos não baptizados. Atenágoras, S. Gregório de Nazianzo, S. Gregório de Nisa parecem, contudo, inclinar-se para considerar que as crianças que não fizeram nem bem nem mal não serão julgadas, postulando para uma certa categoria de pessoas um estado intermédio entre o céu e o inferno. (Cf. *Athe. Legat,* PG XI, col. 1001; Gregório de Nazianzo, *Orat.,* XL, *In sanctum baptisma,* n.º 23, PG XXXVI, col. 389). A polémica com os Pelagianos, que distinguiam arbitrariamente entre o Reino dos céus e a vida eterna atribuindo às crianças sem baptismo a vida eterna, fez com que Sto. Agostinho mudasse de opinião condenando as crianças mortas sem baptismo ao fogo eterno do inferno insistindo no carácter obrigatório do baptismo para a salvação. O Concílio de Cartago (418) parece corroborar esta tese. Assim, a doutrina do L. sublinhava que o pecado original é um pecado em sentido estrito: morrer nesse estado implicava uma situação de condenação. No período escolástico, novas matizações serão introduzidas. A distinção das penas do pecado original e do pecado actual, intuida por Gregório Magno, postulada pela aceitação de Sto. Anselmo, proposta por Abelardo, parece ter sido nitidamente afirmada pela autoridade de Inocêncio III que declarou que o pecado actual é punido pelos tormentos do inferno e que a pena do pecado original é a privação da visão de Deus *(Poena originalis peccati est carentia visionis Dei).* A teologia posterior (Alberto Magno, S. Tomás d'Aquino...) insistirá na ausência da visão de Deus, mas sem a repercussão psicológica que é a pena máxima do inferno, e na felicidade natural. A escolástica tardia forjará novas teorias sobre a possível justificação, graças a um privilégio divino (Durando, J. Gerson); graças a uma justificação extra-sacramental sempre que seja impossível o baptismo de água (G. Biel), ou graças ao baptismo vicário (Cayetano). H. Klee, na idade contemporânea, fala da possibilidade de decisão por parte das crianças graças a uma luz que Deus lhes infunde (teoria da iluminação); H. Schell pensa que a morte de Cristo poderia justificar as crianças, mediante um quase-sacramento.

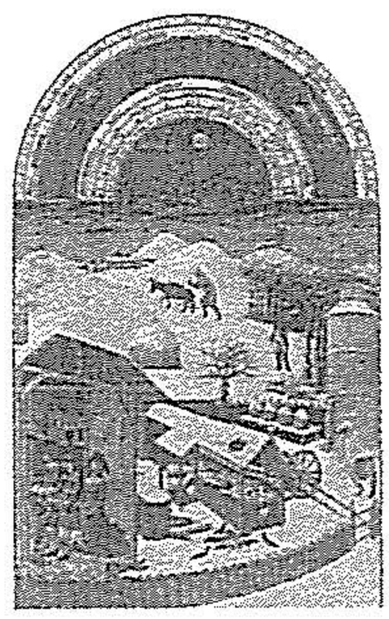
O Magistério eclesiástico nunca se manifestou explicitamente sobre a doutrina do L. e no diálogo ecuménico nunca alcançou importância tal tema.

4. *Reflexão teológica.* Apesar da relutância na adesão ao paradigma vigente, por parte de alguns (S. Bielsa) a realidade é que a doutrina sobre o L. é, hoje, rejeitada pela maioria dos teólogos (J. Finkenzeller), em razão de que dificilmente se coadunará com o desígnio salvífico universal de Deus (cf. *1 Tim,* 2,4), que tem caminhos de misericórdia insondáveis. Contudo, como a questão entranha intimamente com o Baptismo, é necessário não deixar de agir com coerência quando está em perigo a possibilidade de baptizar a criança. A necessidade do baptismo é a mesma necessidade da Igreja: ambas estão unidas na vontade de Jesus Cristo. Neste contexto exclui-se tanto a indiferença ante o baptismo como o desespero pela salvação eterna das crianças.

M. M. COSTA SANTOS

BIBL.: A. Gaudel., «Limbes», in *DTC,* IX, Paris, 1926, 760-772; Marcolino Daffara, «Limbo», in *Enciclopedia Cattolica,* VII, Cittá del Vaticano, 1951, 1354-1358; J. Galot, «La salvezza dei bambini morti senza battesimo», in *Civ. Cat.,* 1971, 228-240; J. Sancho Bielsa, «Limbo», in *GER,* 14, Madrid, 1984, 383-384; Josef Finkenzeller, «Limbo», in W. Beinert, *Diccionario de Teologia Dogmatica,* Barcelona, 1990, 404-405, P. Tena e D. Borobio, «Sacramentos de iniciacion cristiana: Bautismo y Confirmacion», in Dionisio Borobio (ed.), *La celebracion en la Iglesia. II. Sacramentos,* Salamanca, 1990, 149-150; Jose Antonio Sayes, *Antropologia del hombre caido. El pecado original,* Madrid, 1991, 362-385; P. Gumpel, «Limbo», in *Sacramentum mundi,* IV, 321-324.

Limbourg (Pol, Hennequin ou **Jean e Hermann)** — Iluminadores, conhecidos como os *Irmãos Limbourg* (Pol, m. depois de 1416; Hennequin e Hermann, m. antes de 1439). De origem flamenga, possivelmente naturais de Limbricht, eram sobrinhos do pintor Jean Malouel, tendo feito a sua aprendizagem, ao que parece, com um ourives de Paris. Em 1402, os irmãos mais velhos encontram-se na corte da Borgonha; aí Pol executou o *Breviário de João Sem Medo* (Museu Britânico). C. 1405, os três irmãos são convidados a trabalhar para João de França, irmão de Filipe, *o Ousado,* e duque de Berry.



Iluminura dos irmãos Limbourg para as *Très Riches Heures du Duc de Berry*